



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

O Leão e o Mosquito

Fábula por AUGUSTO DE SANTA-RITA



*Raivoso, por um mosquito
ter poisado em seu focinho,
certo leão, expedito,
quiz matar o pobrezinho.*

*Mas o mosquito, fugindo
à fatal morte e suplicio,
foi, pouco a pouco, atraindo-o
à beira dum precipicio.*

*Perdendo o equilibrio, então,
tombou no abismo o maldito.
— A's vezes um só mosquito
vence um terrivel leão!*

F I M

SULTÃO, O FIEL AMIGO

Por Ivone Oliveira e Silva
Desenhos de A. Castañé



MALTRATADO pelos donos, o pobre cão fugira de casa e andava vagueando pelas ruas; comendo aqui um bocadinho de pão, mais além um osso que lhe davam, e assim continuando, sem que tivesse encontrado uma alma caridosa que o recolhesse.

Via-se bem que, em tempos, ele tinha sido um cão bonito, mas hoje, com o pêlo crespo e sujo, aparentava bem os maus tratos e a miséria que passava.

Mal despontava a manhã, Guilherme saía com o seu pequeno rebanho de ovelhas para a pastagem.

Com a cara muito alegre e corada, ia sempre satisfeito cantarolando, e soltando, de vez em quando, um assobio se alguma ovelha se afastava para longe.

Pobre, como quasi todos os pastores, nunca se esquecia da gaita feita de cana, onde ensaiava as modinhas em voga; do pão com queijo ou azeitonas que levava sempre dentro do alforje, da cabaça com água, e do cajado; muitas vezes levava também o canivete com que se entretinha fazendo qualquer trabalho em madeira.

Naquela manhã em que ainda não tinha começado o verão quente e poeirento, ia Guilherme na sua faina costumada quando parou, subitamente, como que ouvindo qualquer ruído estranho. Contudo, julgando estar enganado, continuou a andar. Tinha dado poucos passos ainda, quando tornou a



ouvir o mesmo gemido que lhe pareceu ser um latido dum cão. Resolveu ir levar as ovelhas para a pastagem e voltar depois ao mesmo sítio.

Assim fez. Passado pouco tempo voltou ao mesmo lugar e qual não foi o seu espanto quando viu um cão muito ma-

gro, de pêlo ouriçado, com uma pata ensangüentada, ladrando como que pedindo socorro.

Guilherme, ao princípio temendo que o cão lhe morresse, estava com receio de se aproximar. Mas, depois, encheu-se de coragem, pegou nêlo e levou-o, correndo para



junto dum regato que passava perto. Ajoelhou-se na relva, segurou com as mãos a pata do animal e, depois de tirar o lenço de chita encarnado que tinha ao pescoco, lavou muito bem a ferida tendo o cuidado de a amarrar com o lenço. Terminado o penso, levou-o para o pé das ovelhas, e, sentando-se numa pedra, começou a acariciar o cãozinho que, como reconhecimento, lhe lambia as mãos, abanando a cauda.

Durante aquela tarde, só cuidou do cão, e quando o sol começou a descer no horizonte, encaminhou as ovelhas antes da hora costumada para casa, desejoso de mostrar aos pais o seu achado.

De começo, os pais zangaram-se mas, depois de saberem o estado lastimoso em que o pobre cão havia sido encontrado, foram êles os primeiros a acariciarem-no.

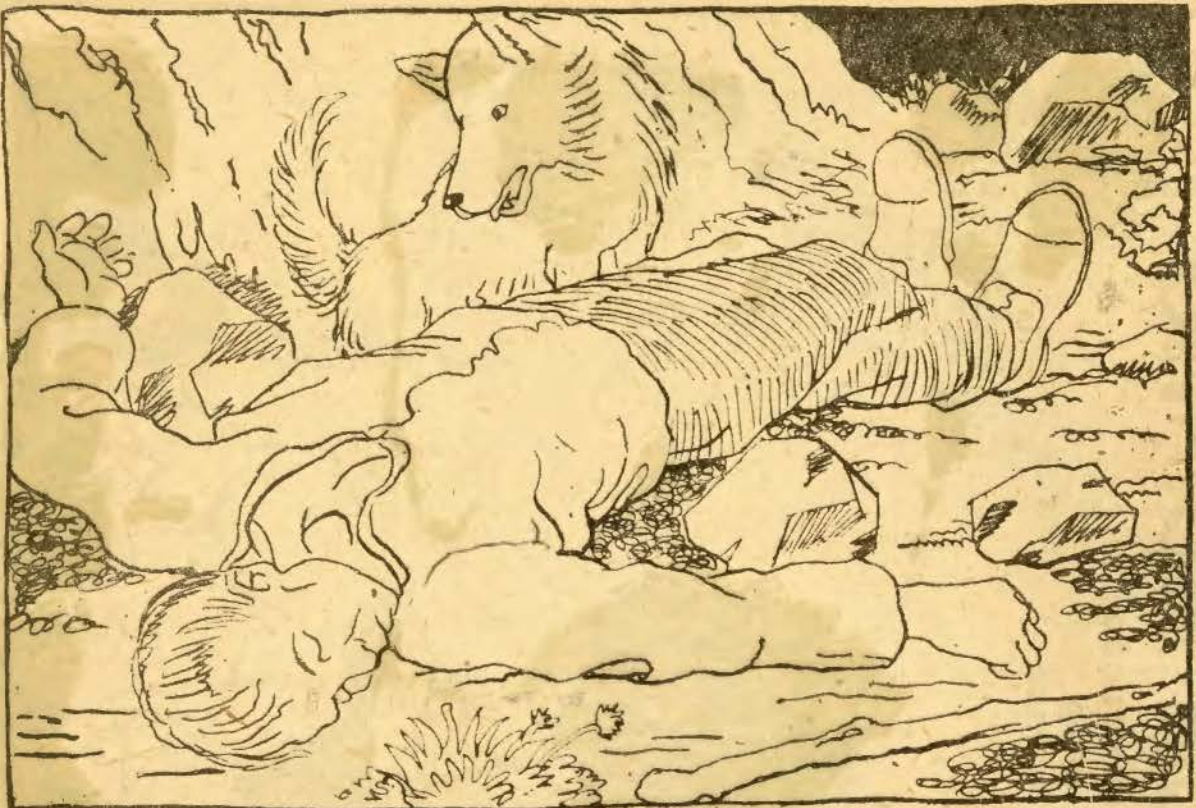
Deram-lhe pão, água e alguns restos de comida, estenderam uma manta velha no chão e o cão pouco tardou em adormecer.

Ainda não se tinham lembrado de procurar o seu nome quando Guilherme foi ver a coleira que êle trazia e onde se via gravada a palavra Sultão.

Era, agora, Sultão o companheiro inseparável de Guilherme. Depois de curado, todos os dias ia para o monte com êle; à tarde ajudava-o a juntar o gado, e, à noite, depois da ceia, enquanto Guilherme não se deitava, êle permanecia horas estendido a seus pés, lambendo-lhe as mãos, numa alegria doida. Eram, pois, dois amigos inseparáveis!

Um dia, já depois de anoutecer, notou a mãe que o Guilherme não aparecia. Já era escuro, quando, subitamente, viu as ovelhas regressarem sôzinhas pelo atalho.

Assustada, chamou o Sultão que não aparecia. Que te-



ria acontecido?!... Perante esta pergunta sem resposta, a pobre mãe apressou-se a contar ao marido o seu receio.

Depois correu até ao princípio do atalho, gritando com todo a força:

— Guilherme...! Guilherme...! Todavia tinha só como resposta o seu próprio eco.

Veteo para casa e, então, ambos choraram a perda do querido filho, projectando logo irem procurá-lo se êle não apparecesse dentro de pouco tempo.

E estavam ambos lamentando a sua infelicidade quando, nisto, ouviram arranhar à porta e ladrar.

— «E' o Sultão!» — disse a mãe, correndo para a porta. O cão continuava ladrando e, súbito, correu para a estrada, como que a indicar um caminho a seguir. Os pais compreenderam que Guilherme estava em perigo, e, com um archote na mão, foram-no seguindo ao mesmo tempo que êle, numa corrida vertiginosa, voltando-se constantemente para trás, continuava a latir. Chegando, por fim, junto dum montão de pedregulhos, parou esalfado. Foi, então, que os pais viram Guilherme desmaiado, e, com o rosto banhado em sangue. Agarraram-no, e troxeram-no para casa.

Após a ferida curada, Guilherme começou melhorando mas só passados alguns dias poude contar a causa daquele desastre.

Havia-se demorado mais tempo em juntar o gado e, depois da contágem, notou que lhe faltava uma ovelha. Começou a procurá-la... Ao fim de muito tempo, foi encontrá-la

numa herdade ali próxima; entretanto fez-se noute e, julgando saber o caminho, continuou, mas sem notar que as ovelhas, sabendo melhor a direcção a seguir, se afastavam do perigo.

Depois sentiu faltar-lhe o pé e cair. De nada mais se lembrava.

A mãe descreveu-lhe, então, a apoquentação que passara. Que o Sultão apparecera ladrando sozinho e pretendendo, com a sua linguagem, indicar-lhes o caminho a seguir.

Guilherme, comovido, afagou a cabeça do cão enquanto êste, que desde a sua doença permanecera sempre a seus pés, lhe lambia a mão menêando a cauda.

Guilherme esteve ainda algum tempo convalescente mas quando recommçou a sua vida de pastor, ia sempre acompanhado pelo seu fiel amigo.

.....

Hoje, passados muitos anos, ainda existe a mesma casinha na aldeia.

Guilherme, já velho, vive com sua mulher, seus filhos e netos. Os pais já não existem; o Sultão, o seu fiel amigo, também já morreu.

E todas as noutes o velho pastor, sentado junto à lareira, conta aos netos algumas histórias, e às vezes, afagando nas mãos já trémulas a cabeça dos netinhos, conta-lhes a história do Sultão, nunca esquecendo o bom serviço que êle lhe prestou.

F I M

UM MOINHO — Construção para armar



Instruções: Colar em cartolina e recortar em seguida os respectivos desenhos. Deixar na parte inferior dos n.ºs 5 e 6 uma ponta igual à indicada no n.º 1, para enterrar num montinho de areia.

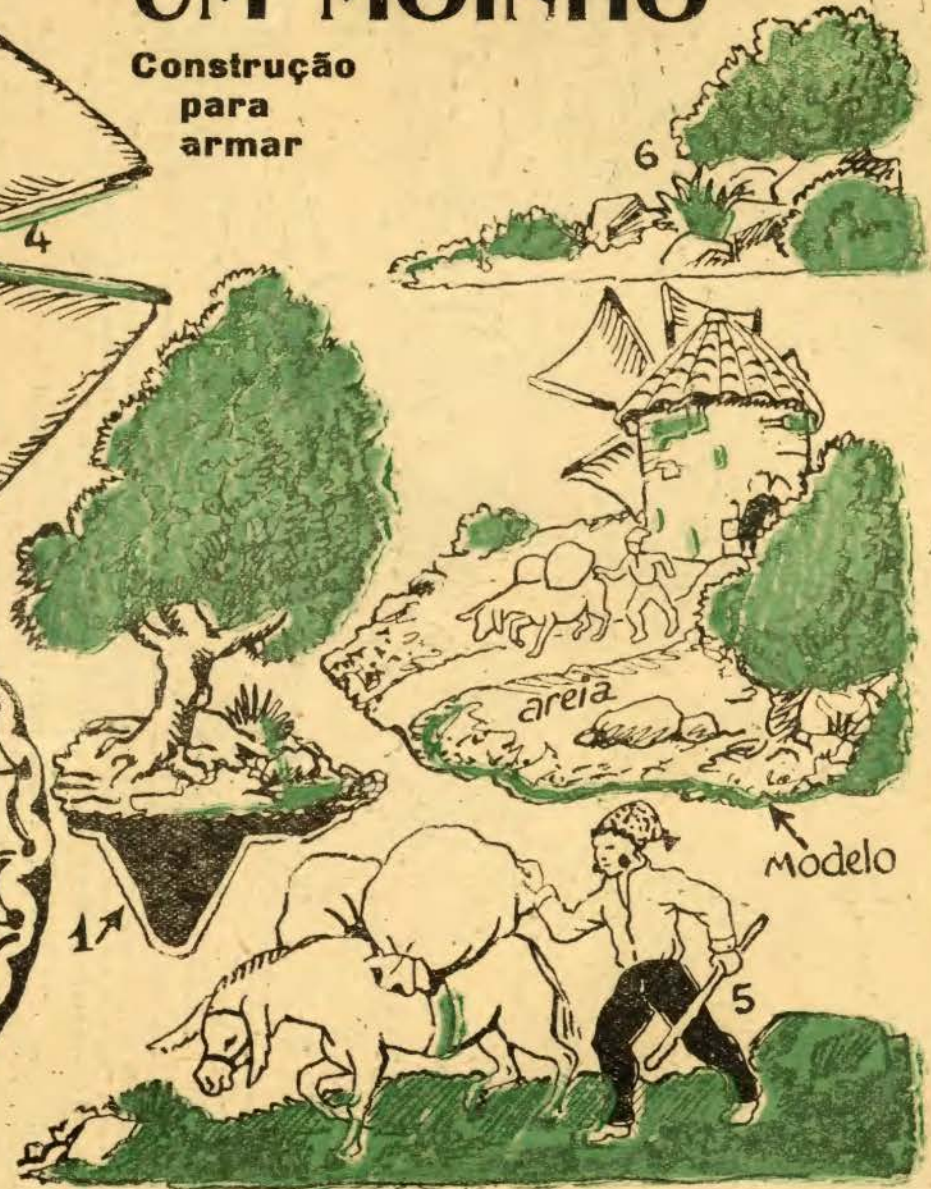
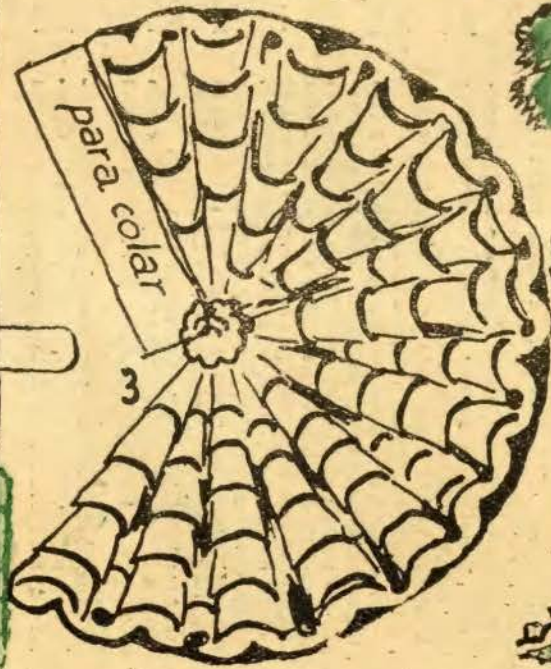
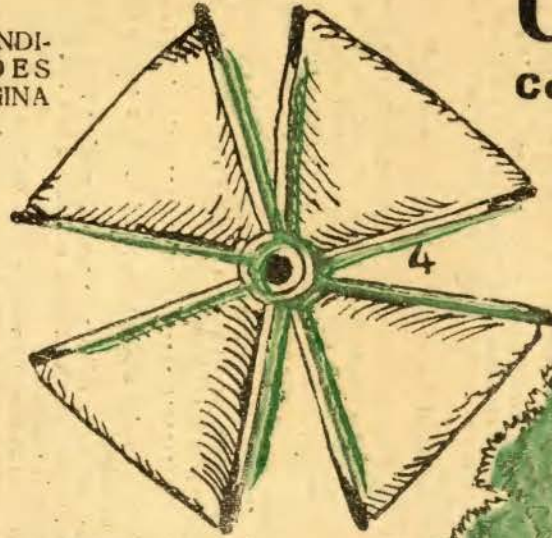
As pás do moinho deverão ser montadas num pauzinho

que os meninos farão, introduzindo o no orificio que está marcado na parede do moinho. Deverão dar às velas uma ligeira inclinação, a-fim-de poderem girar impelidas pelo vento. Devem, também, colorir de vermelho as telhas do moinho.

UM MOINHO

Construção
para
armar

VIDE INDI-
CAÇÕES
NA PAGINA
5



O URSO DE PELUCHE

Por TOUTINEGRA

Desenhos de CASTAÑÉ

PARA A MINHA AFILHADA MARIA CLARA



FERNANDO António está em férias na linda aldeia de Lousa. Habita numa casinha pequenina e branca, que alveja na linda encosta dum monte.

Junto à sua moradia, há uma outra mais modesta onde mora uma família pobre: — pai mãe e dois filhos: Manuel Joaquim e

Maria Clara.

Manuel, tem quatorze anos e já trabalha muito para ajudar os seus pais. Maria, tendo apenas oito anos, a mesma idade de Fernando, nada faz senão brincar com este. São muito amigos.

Maria está encantada com os inúmeros e lindos brinquedos de Fernando.

Como ela seria feliz se tivesse tantos bonitos!... Ela, possuidora apenas duma feia boneca de trapos, que o pai lhe trouxera de uma feira!

Entre todos os brinquedos de Fernando há um que Maria prefere: um enorme urso de peluche, prémio, que Fernando recebeu pela sua aplicação ao estudo, no passado ano lectivo.

Há dias, estando Maria, sozinha, a brincar com



o urso, deixou-o cair. Este, rebolando pela encosta do monte, foi tombar num pôço próximo. Calculem a aflicção de Maria Clara!

Assim que chegou, Fernando, vendo-a a cho-

rar junto ao pôço, perguntou-lhe afflictivamente o que tinha. Quando soube a razão de tal choro, acariciou os lindos cabelos de Maria Clara, pediu-lhe para não chorar mais e foi a correr para casa.



Daí a momentos voltou com a mãe.

Maria, ao vê-los, redobrou o seu choro, receando que D. Maria Delfina, mãe do seu amiguinho, lhe viesse ralhar.

Qual não foi, porém, o seu espanto ouvindo esta dizer para o filho: — «Então como foi que tu fizeste isto?» — Fernando logo respondeu: — «Estava a brincar... e ele caiu-me...»

Maria, percebeu tudo...

Parou de chorar e, indo junto de D. Maria Delfina, ergueu para ela os lindos olhos, rasos de água e disse-lhe: — «Perdôe-me e não ralhe com o seu filho... Quem deixou cair o urso, fui eu!...»

D. Maria Delfina, comovida até às lágrimas, abraçou o seu bom filho, que entristecera vendo baldada a sua intenção de livrar a sua linda amiguinha; abraçou também Maria Clara, beijando os dois com afecto.

Entretanto chegava Manuel Joaquim que fôra ao fundo do pôço e trazia o urso, apenas molhado, pois não se havia estragado, e foram para casa.

Fernando António levava abraçada a linda Maria Clara; e, ao chegarem a casa, D. Maria Delfina ofereceu-lhe, além do lindo brinquedo, muitos bôlos como paga por serem tão bons e tão amigos.



BÊBÊ NO BAZAR

POR
GRACIETTE BRANCO

DESENHOS DE
ALFREDO MORAES

— Ai, Avô!
Quero aquele pó-pó!...
Aquele! Ali!
Não, Não!
Não é!
Ali!
Ali ao pé
do carrinho de mão

... Ah!...
Mas também quero o carrinho
de mão!...
Olha, ali, avôzinho!
Ali em cima,
naquela rima
de pó-pós de lata!

(Ena, Pai! Se o Menino desata
em cima deles!...)

Olha, Avôzinho!
Ali, ali, aqueles
aeroplauinhos pintados,
encarnados!
Dá-me um! Dá-me um!
E vôam, Avôzinho?
Teem mola?
Clh!! Olha aquela pistola!
— Pum! Pum! Pum!...

Ai, Avôzinho!!
Aquele palhacinho
quero eu!
É mesmo igual
ao tal
do Coliseu!

E aquele canzarrão
de papelão?!

Ai!... O Menino quiere-o!!

... Parece mesmo a sério!...

Ah!... E aquele vapor?!

— Olhe, olhe, ó Senhor!
Ai, aí! Não acha?
O grande! Além!
Não acha?!

Ao pé do pequenino!

... Ena tanta bolinha de borracha!...
Traga-as também
p'ró Menino!

E também queria aqueles soldadinhos,
que estão arrumadinhos
no caixote!...
E aquele chicote!...

E o tambor!...
E a baqueta!...
E aquela corneta!...
E o outro vapor!...
E aquele barco, ali,
maior que o da Nini!...

E aquele comboio!
E aquele saloio!...
Aquele! Aquele, ali,
de calças de veludo!...
E tudo! E tudo! E tudo!...



F I M

HORA DE RECREIO

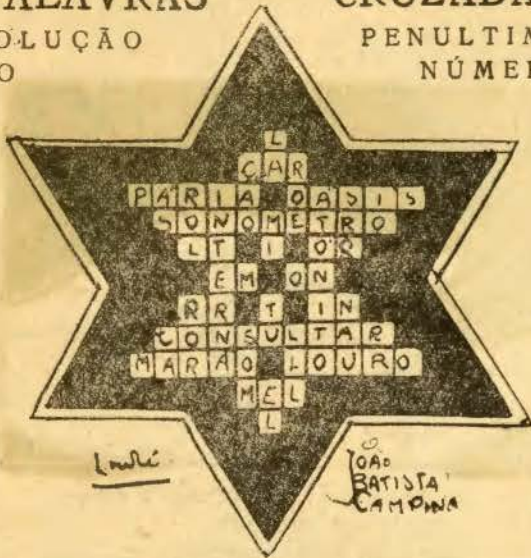
— A D I V I N H A —

PALAVRAS

CRUZADAS

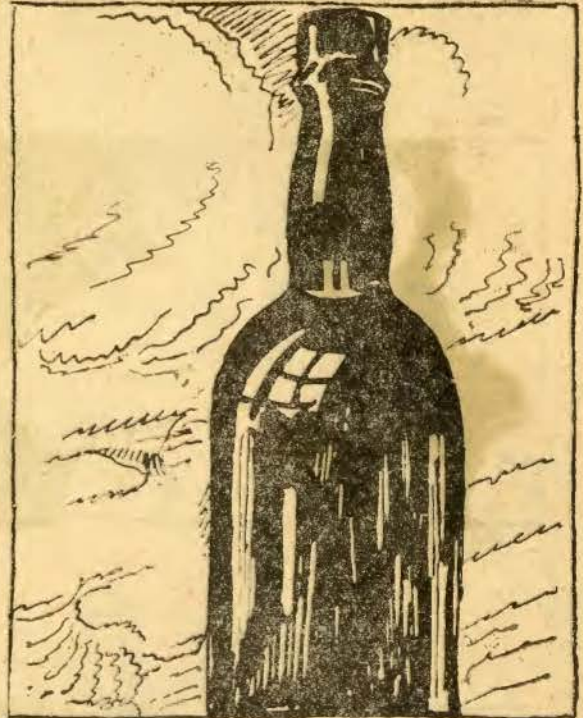
SOLUÇÃO
DO

PENULTIMO
NÚMERO



Luci

JOÃO
BATISTA
CAMPOA

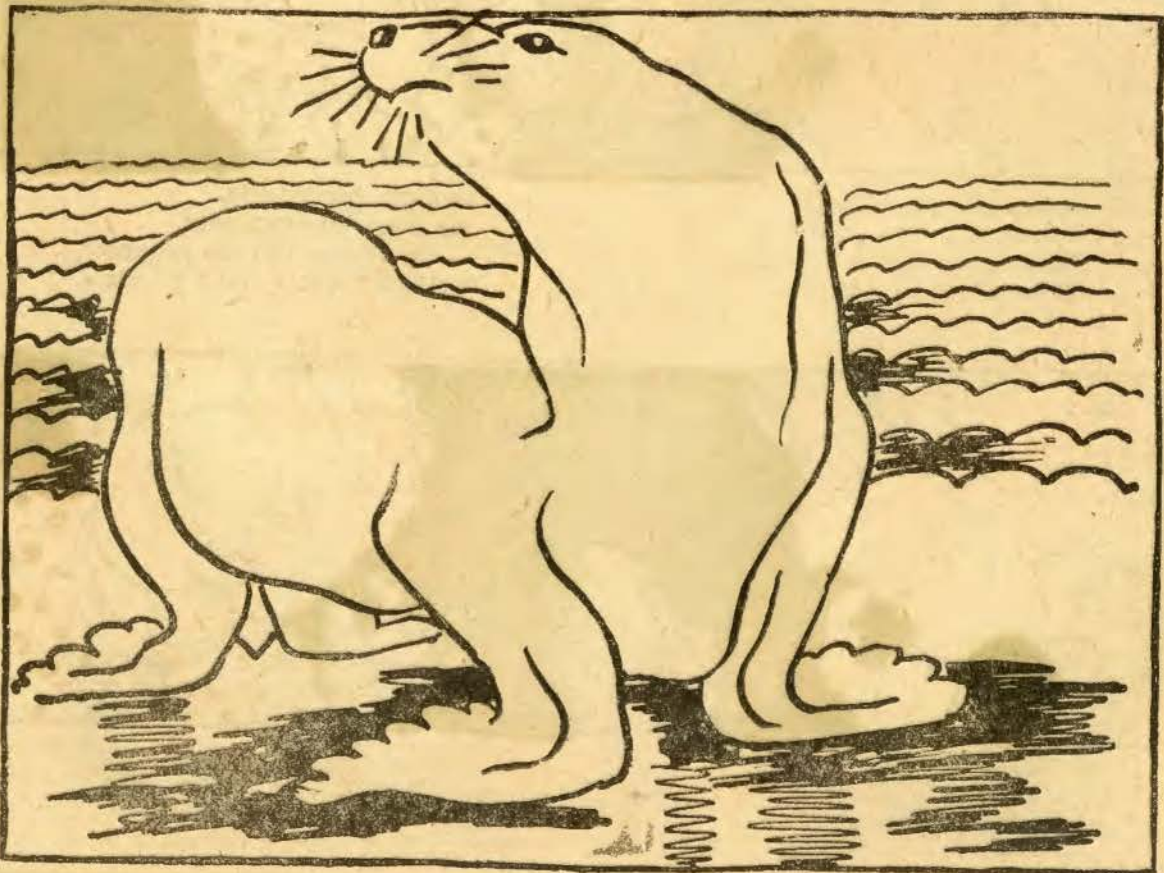


Solução do Enigma Anterior

Se aquilo que a gente sente
Cá dentro, tivesse voz,
Muita gente, tôda a gente
Teria pena de nós!

MEUS MENINOS: — Esta garrafa de vinho está vazia.
Vejam se descobrem quem bebeu o vinho.

PARA OS MENINOS COLORIREM



A PIADA DE TONHINHO



A criada Josefina diz á Zefa, outra criada:
— «Deram-me este par de brincos mas deles não gosto nada.»

— «E porquê?!... pergunta a Zefa à criada dos meninos.
Responde, então, Josefina:
— «Por serem tão pequeninos!»



— «Ora põe um, para ver como te fica. Que lindo!»
Toninho, que estava à coca, nisto aparece. E, sorrindo,

sorrindo gaiatamente, sua graça logo expande:
— «Os brincos não são pequenos, a orelha é que é muito grande!»



A Zefa desata a rir, concordando intimamente;
A Josefina encavaca e o Tónio diz, de repente,

sempre com riso velhaco:
— «Mas deixa lá, minha velha, por serem assim pequenos, ficam... «de trás da orelha!»»